

A IDEIA



ORGÃO DO CLUB DOS ESTUDANTES

COMISSÃO REDACTORIA:—Azevedo Macedo, G. Costa e Saldanha Sobrinho.

A IDEIA

Curitiba, 5 de Fevereiro de 1889.

O jornal das crianças

Alguns desses homens importantes e ócios, que vivem por ali a correria por a mocidade com o seu exemplo e com os seus conselhos perdidos, têm desaprovado a attitude indolente, franca e decidida que temos assumido diante dessas frotas indignas, dessas ações infantis dos homens do presente, dos homens da política, — ações a que somos obrigados a presenciá-las e que provocam a nossa indignação, diante dessa apatia desanimadora pelas causas grandes e nobres, que temido até a invadir o união da mocidade!

O nosso pensamento quer voar, e querem cortar-lhe as asas!

Somamos deliciosamente; e esses homens vêm por nos bem perto dos olhos toda a negrura cruel das angustias realidade!

O nosso coração palpita nervosamente, e querem impedir que expulsemos vivamente os nossos sentimentos!

O nosso cérebro atue; e querem que occultemos as nossas idéas!

Os moços querem levantar-se contra a injustiça, a baixez, a apatia esmagadora, a falta de patriotismo e caracter, que predominam desgradamente na nossa sociedade; e vêm esses homens importantes, fortificados na sua experiência, dizer-nos:—

— Não fazeis bem: a mocidade não deve envolver-se nessas questões, pois ainda crianças, deixai isso para nós, os homens!

Mas, si nós vemos que são tão ruídos, ranciosos os homens que têm coragem e independência para clamar contra tanto isso!

Já que os homens não cumprem o seu dever, é preciso que as crianças

le hoje, que serão os homens de amanhã, tomem o seu lugar e os anadunem com a sua coroa, não preciso que as crianças lhes dêem uma lição.

A nossa vez, um jornal de mocidade, deve ser independente, verdadeiro e justo.

É «A Ideia», até agora, tem sido assim: propagando o erro; estigmatizando a injustiça e a baixez; eia nado pela instrução; pedindo com energia e força, — e esses homens que só nos querem dar trevas, com batendo pelo direito sacrosanto dessas crianças das escolas; declarando francamente a sua creio, que a Mocidade ama a Pátria e a liberdade, é lemosnada, e temo palavras suaves sonadas para as ações dignas, não julgávamos que pudessemos merecer censura.

É provável, é mesmo muito provável que a presente Comissão redactora de «A Ideia» seja substituída na próxima eleição do Club dos Estudantes.

Mas, nós, que somos da escola dos Washington e os Nelson, diremos com a consciência tranquila, ao depois o nosso arduo mandato:

— Contanto somente comnosco, cumpriremos o nosso dever segundo as nossas forças: defendemos conscientemente a causa, os direitos e as idéas da Mocidade.

E, a esses homens que, com um desleixo próprio para desanimar, mas que nos encoraja mais, nos chamam o jornal das crianças — (que bello título!), dizemos, com consciência e atrevido:

— Na verdade, somos crianças, quanto a nossa idade e gostaríamos até que os tradasséssemos assim, si não viesse uma ironia. Mas, talvez que estes a quem chamamos crianças sejam mais homens do que muitos de vós!

Uma fineza

Homens agradavelmente sorprendidos com um amavel canto artigo do nosso distincto assignante, o Sr. Francisco Marques. Em um dos nossos numeros passados, de publicadade a um amigo do Sr. Luiz Cleve, de Guarapuava, e hoje damos a do Sr. Marques do Porto de Cima.

Sob o peso dos enormes trabalhos de que nos encarregou o Club dos Estudantes, a par de tantas luctas para a publicação e manutenção do nosso jornal, pelo qual sacrificamos grande parte do tempo de que dispomos, e nos muito agradável saber que as nossas luctas, os nossos trabalhos, não tem sido improficuos: — procurando dar ao nosso jornal artigos variados e dignos de leitura, vimos, com immenso prazer, ao receber as duas cartas acima referidas, que este periodico tem sido bem acceto, e a prova está no ter elle servido de inspiração a dois bem lançados artigos. Por essa razão, ao reconsiderarmos que esses artigos são filhos do apreço que os seus auctores ligou ao nos-o periodico, ao reconsiderarmos que elles dão um grandevvalor a este jornal, seja-nos permitido dizer ao Sr. F. Marques o mesmo que mais cedo, dissemos ao Sr. Cleve: — somos agradecidos.

O artigo do Sr. Marques, a quem desde hoje contamos, conjuntamente com o Sr. Luiz Cleve, no numero dos nossos colaboradores, é o seguinte:

« Sob a impressão agradável que me tem causado a leitura do jornalzinho, órgão do Club dos Estudantes, intitulado «A Ideia», que se publica na capital, largo mão da pena para traçar um singula e despretencioso saudação áquelles moços estudiosos, que, procurando descortinar os benéficos resultados da instrução — doce emanção bafejada pelo divino sopro da intelligencia, — marcham corajosamente na senda do progresso e da civilização, abrindo os vastos horizontes de suas justissimas aspirações.

Si bem que cheio de espinhos, se nos apresente essa ardua tarefa do desenvolvimento do espirito, em que move-mos os excitamos as nossas faculdades psychologicas, ella nos aponta, todavia,

os abençoando: frutos de um futuro illuminado pelos reflexos de uma luz esplendorosa.

Offuscão-se de principio as irradiações da luz do entendimento, ante os embarras da luta que empenhamos; porém, mais tarde, quando, confrontando as com as d'essa infinidade de astros fulgurantes que brilhão no espaço illimitado, observamos a incomensuravel grandeza das obras da criação: então, ouvimos ecoar em nossos ouvidos as seguintes palavras que abraçam mas como divisa:

Estudar! Estudar sempre!

Nos tempos modernos, bem como nas idades passadas, o homem tem exercido sobre oitenta e os outros seres da natureza um predomínio quasi exclusivo, uma vez que fora doptado de uma razão, que o distingue dos outros annimaes.

Despertando n'elle as emoções do sentimento impulsivo pela vibração entusiasta d'esse phenomeno do espirito a que chamamos linguagem, elle, qual brioso soldado no campo da batalha defendendo os direitos da Patria, ou combatendo pela justiça n'altas intelligencias em prol do bem estar da Humanidade.

Avante, pois, dignissimos compatriotas!

Hoje estão a vossa lucta as lides penosas que precedem os primeiros passos da vida; e utucini estais os lottos da victoria coroando os trabalhos da brilhante carreira que encetais.

E, quando poderdes dizer: Cumprimos o nosso dever, — a Província do Piauí cingida de gloria, ufanar-se-ha de ter sido o berço dos distintos e talentosos moços que honrão a sua terra natal!

Ponto de Gama, 11 de Janeiro de 89.

Francisco Marques»

O Dr. Justiniano conhece perfeitamente a sua posição, e lá no interior da sua consciencia, elle luta desesperadamente: mas, cá fora, as conveniencias o detêm.

Elle é um homem politico; mas, não é uma machina como os outros: ainda tem força para reagir contra a prepotencia absoluta dos chefes.

Entretanto, desgostou nos profundamente ver o nosso collega chamado de «dignos pontífices a quem muito reverencio» e «egregios cidadãos, perante os quaes me inclino respeitoso».

Concordamos que nos partidos hajam chefes, mas não que um homem deva inclinar-se respectuosamente perante nenhum pontífice ou egregio cidadão: não concordamos que um homem se deva humilhar perante coisa alguma.

Os chefes devem ter dignidade para não exigir que ninguém se humilhe perante elles, como quem não é chefe deve tê-la para não se humilhar.

Mas, quanto a questão entre os chefes, conservadores e o redactor do «Sete de Março», os estudos do lado deste, porque é o mais fraco, o mais digno, o mais justo.

O no-890 collega atrevia-se a desafiá-lo a um p'tentado, a um sultão, a uma porta sublime, para um pleito eleitoral loucura!

Então não sabeis o que é o poder? Consoa da sua força, elle vos responde com o desprezo.

Queríamos ver realisado o pleito para ver o nosso collega vencido e convencido do comprehendimento finalmente que o seu posto de homem não é no sem de um «artido sem ideas, de uma grey em que ha caehos sem dignidade, em que ha vi-condes e barões. Ora, conservador?!

Pois ha nada conservador em um século inteiramente evolutivo?!

tre os quaes notei, com «simples» nezar, os nomes de alguns moços de cujos sentimentos e ideas eu formava um juizo tão elevado.

Quanto ao convite da commissão anonyma, eu considero o como uma offensa aos brãos dos moços paraiaenses, porque, si a commissão convidou-os, é que julgou-as capazes de prestar homenagem a um homem anti-progressista, um homem que despreza o povo, um homem que fecha escolas, um homem que faz trevas em 89, um homem politico, emfim.

Onde está a dignidade, só ali deve estar o moço.

A meu ver e aos olhos de qualquer homem honesto, aquelle protesto desacreita mais o nosso adiantado Club do que o artigo, sob a epigraphia — *Picotagem*, publicado em ineditorial no ultimo numero d'«A Ideia», e que, conforme uma declaração publicado no «Bozom de Dezembro» de 19 do corrente, deve estar assignado — Um socio — e não — Os socios do Club.

K agora pergunto vos eol: havia alguma necessidade de que fizesseis aquelle protesto? ficaria uenso em perigo a vossa dignidade, si não o fizesséis; haveria por ventura um homem tão baixo que tivesse a coragem de vos perseguir por causa d'aquelle artigo?

Si não, porque o fizestes?

Porque desamparastes assim a um moço, um vosso collega, que fazendo aquillo, «sem autorisção alguma da casa», porque não poderia haver a vossa «viedade estar em férias, mas com a approvação de alguns de vós mesmos, que, entretanto, quizeis depois aniquilá-lo com aquelle protesto, julga interpretar dignamente os sentimentos dos moços?

Quereis que vos diga? O que praticastes não é digno de vós, que sois moços! E, dizendo tudo isto, não quero offender-vos: chamo-vos somente ao cumprimento do vosso dever, mostrando que vos affastastes delle.

Pois porque havíamos nós do preocupar nos com essas picotagens ridiculas, conhecidas pela chapla de espontanea manifestação de apreço, e cuja significação nós conheciamos perfeitamente?

Moços! Cumprimos, com consciencia e dignidade, o nosso dever e deixamos os picoteiros que cumprem a sua triste missão!

Carityba, 24 de Janeiro de 1889.

Jose de F. Saldanha Sobrinho.

Um album

Rompou serena e rosea a madrugada, Qual passaro de luz, immonso e iouro E os raios pela cima alcantilada Batem, como n'um elmo as settas d'ouro.

O Dr. Justiniano de Nello

O illustrado redactor do «Sete de Março» — um homem a quem só falta mais um pouco de independencia de character, para ser um genio — tornou-se nos muito mais sympathico do que antes, pela attitudie mais digna que tem assumido ultimamente.

Entre nós, um homem lutar com os seus chefes já é ter coragem. O operário jornalista declarou a um dos redactores desta folha (não o que escreve estas linhas) que gastou da franqueza com que nos referimos ao «Sete de Março» no nosso ultimo artigo editorial. Dizer isto já é dizer muito, porque é dizer uma coisa que quasi ninguém sabe dizer. A vulgaridade não gosta da franqueza, não tolera que se lhe diga a verdade.

O protesto da maioria

Eol, que também represento uma maioria, e uma maioria sagrada, pois represento a hombridade e independencia que convém a moiedade hodierna, protesto em nome della, com toda a minha energia de moço, contra aquelle protesto impudavel da maioria dos meus consocios do Club Dr. Pedrosa, publicado na «Gazeta Paranaense» de 19 do corrente.

A moiedade deve ser nobremente altiva: a bajular-Nji, o servilismo, a humilhando são cousas indignas della.

O meio em que vivemos é eminentemente corruptor. Pois é preciso que a moiedade saiba resistir a essa corrupção.

Eu não queria que houvesse a menor divergencia nos sentimentos e ideas dos moços: queria que todos os moços passassem e praticassem do mesmo modo. Mas, não posso absolutamente concordar com os signatarios daquelle protesto, en-

Tudo sorri. Da nave embellecida
Ala-se o choro olympico das aves.
Do espago, como flor azul pendida
Evolvo se os perfumes mais suaves.

Por toda parte, floridas estemmas;
A gorta e a luz em preciosas gemmas
Transformo-se. Divina, embevecida,

Como essa madrugada redemptora,
Iris tu, oh mocidade sonhadora!
Eis tu, oh mocidade! oh forçar! oh vida!

V. BIANCHI.

Sciencias e Artes

A luta pela vida

Um trecho de Aristoteles acerca da luta pela vida:

Na idade media procurava-se a sciencia, não na observação da Natureza, mas nas obras de Aristoteles.

E, com effeito, esse grande naturalista, pela sua poderosa intelligencia e sua perspicacia extraordinaria, viu umaquella titula enorme de factos e interpretou-os admiravelmente.

Eis um trecho onde se encontra já indicada a luta pela existencia, o *struggle for life* de Darwin (*História dos Animais*, traducção de Bartholomey Saint Hilaire, livro IX, capitulo II, tomo III da traducção franceza):

« Todas as vezes que os animaes habitam os mesmos logares e que procuram viver das mesmas substancias, guerreiam-se mutuamente.

Si a alimentação rareia, os animaes, mesmo os de rago differente, batem-se uns com os outros.

Desta maneira, por exemplo, as plantas da mesma região fazem entre si uma guerra implacavel, o macho combat o macho, a fêmea a fêmea, até que um detelles mata o adversario ou seja por elle expulso para bem longe do sitio em que se encontra.

Os pequenos animaes batem-se uns com os outros com igual furia. »

Mais adiante, na pagina 143:
« Os animaes estão umas vezes em paz e outras em guerra, segundo as necessidades do alimento e do genero de vida.

Os mais fortes guerreiam os mais fracos e devoram-nos. »

E' interessante comparar estes trechos com os de Darwin.

Aristoteles só lhe faltou para ter toda a noção da *Seleção natural* — commecar a transmissao por hereditariedade da força superior e do triumpho dos mais fortes.

Depois destas considerações que extrahimos d'algures, aconsellhamos o leitor curitybano a lêr as importantes obras do grande e operoso chefe do darwinismo —

o sabio inglez Darwin, das quaes ha uma collacção completa, que conserva se inaproveitada, nas estantes da nossa Bibliotheca Publica.

O transformismo ou darwinismo, que tanto barulho tem causado no mundo scientifico, ainda não é verdadeiramente um theoria scientifica, mas uma hypothese, que talvez a sciencia, no seu evoluir incessante, venha algum dia a tornar em evidencia, como á de redondeza da Terra, igualmente impugnada pela superstitio e pelo caracianismo padre seo.

Vulgarmente repella-se o darwinismo, sem estudal-o e sem contat-o, porque o homem, no seu orgulho van, achia mais honroso provir do barto da Biblia, amasendo pelas mãos de Jehovah, do que eucontar o quadromano nas razas da sua irradia genetica.

Com o fim de concenar para a destruição dessas ridiculas superstitios e desses preconceitos nascidos da falta ou insufficiencia de instrução, encetamos logo uma série de artigos sobre diversos assumptos scientificos de importancia, destinados pri cipalmente a esclarecer a intelligencia dos negros.

Curityba, Janeiro — 89.

SCIENTIFICUS

Rosa morena

(Ao Azevedo Macedo)

Oh! Uma rosa morena, que cousa não exquisita!

Um dia eu vi uma e o meu pobre coração gostou tanto della que, desde então ficava doente... de amor — uma doença atroz, mas gostosa.

Ella, a pallida menina, de olhos pretos, meigos e brilhantes como duas estrelas do céu, tinha na mão um lindo bouquet de rosas de todas as qualidades e cores, desde a singela rosa branca dos jardins até a mais rara e bella rosa do-jardim das cidades.

De todas as cores, menos uma rosa morena, que ella não pôde encontrar para pôr no seu bouquet.

Mas, a pallida criancinha, de olhos pretos, meigos e brilhantes como duas estrelas do céu, completava divinamente o bouquet: era ella a rosa morena, a a rosa morena que não pudera encontrar em parte alguma.

Um bouquet perfeito, de um go-to irreprehensivel: rosas de todas as cores, reunidas em bouquet, já se viu? um bouquet sublime!

De instante a instante, as petalas de todas as outras rosas do bouquet, ao impulso suave de um tempo rannimo da haste da rosa morena, tocavam as petalas desta.

Um beijo entre rosas!

E a rosa morena tinha só duas petalas, só duas, mas duas petalas deliciosas.

Ah! quem me dera ser uma daquellas outras rosas do bouquet, mesmo a mais feia!

Ah! si eu pudesse beijar também as petalas da rosa morena!

De repente, a linda rosa morena, enquanto beijava as suas irmas — as rosas de todas as outras cores — entreabindo suavemente as suas duas petalas, que sobresaliam d'entre todas as outras, perguntou-me, com uma voz de anjo:

— Qual é a mais bonita destas rosas? E, amas que ella tivesse tempo de terminar o beijo, eu respondi:

— A mais linda de todas é essa rosa grande, quente, macia, perfumosa, é essa rosa exquisita, que extasia, que embriaga, que arrebata e cujas petalas eu tenho vontade de mastigar nervosamente para nutrir com o seu succo o meu coração sequioso, louco de amor, e essa rosa morena, preciosissima pela sua raridade, mais attente, mais formosa, mais cheia de perfume do que todas as outras flores do mundo!

Curityba, Janeiro de 89.

SALVANIA SOBRINHO.

A Lady Caroline

(LORD BYRON.)

Julgas q' eu possa ver, sem comover-me,
Os teus olhos, tão bellos, lagrimosos?
E que expressivos mas que mil palavras,
Possu ouvir teos gemidos, queixosos?

Foi grande o teu pesar! muito choraste.
Veio assim se quebrar nossa esperança,
Eu bem sei; mas ferido gravemente
Tambem fui; e não sou mais da lembrança.

E quando vinha a magoa amescente
E findava, sem dó, nossa alegria,
Quando unias nos me os teos doces labios;
Nosso pranto, n'um só junto corria.

Não sentias o fogo do minha alma,
Porque o havia extinto o choro teu.
Si tentavas falar, entre suspiros
Murmuravas, sómeade, o nome meo.

Lamentavas em vão a sorte nossa,
Querida filha; em vão choramos tanto!
Só nos pôde ficar triste a lembrança...
A lembrança — o augmento d'esse pranto.

Adeus, uma vez, oh minha amada!
E, podendo, suffoca o soffrimento.
Não mais sonhas porvir, felicidades:
Nossa unica esperança é o esquecimento.

AMARIS.

A vida

Ante o infinito que de miserias!

Para que grandezas? As grandezas, do alto de seu throno d'ouro, riem-se das misérias que se arrastam a seus pés para beijar as, e amanhã lhes vão fazer companhia, amanhã serão suas irmãs: as grandezas vivem sonhando no meio de pompas e, ao acordarem, nada mais são do que minúsculos, nada mais são do que o proprio nada, como o orgulho, so jafeta que adormega e ao acordar-se tem a cor do carvão porque os moleques o hajam pintado a carvão.

E o homem atado julga-se alguma coisa, ainda procura engrandecer-se e tem orgulho de existir! Que illusão!

O homem de baixo da lapide ao lado do seu orgulho, vai ser consumido pela terra em que pisa, como o paladino morto, ao lado de sua espada, é devorado por abutres!

O cemiterio e o campo junçado de cadaveres em que os humanos que restão vão apressar o seu nada.

Oh! A realidade se percebe através de uma geração co-suspiria, através das grandezas sepulturas: percebe-se nas lugubres necrópolis onde rumoroso as folhas do cypriste para perturbar o silencio dos últimos jazigos!

Cruel é a realidade humana!

Na verdade a vida é isto.

E aquelles todos cuja opinião eu sigo quando dizem que a vida é um sonho, que fazem? Que nos dá a entender este pensar?

—Que elles sonham estar sonhando!

Curitiba, Janeiro de 89.

A. M.

O estudante

(A ENRIQUINO DE LIMA)

I

São seis horas. Bem cedo.
Pipilam os passarinhos.
O sol penetra nos nítidos.
A Natureza é um folgado.

Peutle o alto arvoredo.
Rompe a aureola em carinhos.
Arruam ternos pombeiros
Um vespertino segredo.

Trame murmuro, pe to,
O bosque—verbo patria—
Do lymismo do deserto.

E nisto salta do leito
O bilontra lá das bancas,
Estada que é dia feito.

II

Quebra a cabeça, se zanga,
Assimula-se da lieira;
A pagina—grande canga—
A mira com attenção.

(Elante, chora-pitanga,
N'o perde a occasião
P'ra cigarro, doce, manga,
Ferrar no acingo o ritão).

Prepara-se o bom rapaz:
Galsa com olhos atenz:
Chapéu a philosophia:

Botinas que já são folles:
Limas de empas aulias:
Fato em plena agonia.

III

Um pouco antes da hora
P'ra aula designada,
Livro no braço, vai embora,
Junta-se á rapaziada.

Que o appellida—caipora,
Colador, e agremada
Recebe-o; e bem! fora!
Rebrada a canalhada.

E elle, bom já se viu,
Beta muntat se supõe,
Arrebatos já faz p'ra...

Brada: a barra! ao baptismo!
Surta, apatia, descompõe,
Em seu ingenho cynismo.

IV

Fala, escreve a faltar;
Se ri do papa e do inferno;
Discute sobre o eterno;
Estuda para avançar

Tem por culto—o marchar—
Nas veas nada de hiaverno;
Elle, o moço moderno,
Que odeia o throno e o altar.

Parquele nava o sublime?
Porque beija a Liberdade
E abomina o que derime?

Por affagar um clarão
Que contém a immensidade:
Tem o—Livro na mão.

SILVEIRA NETTO

Ambição de moço

(A GARRIBAUDI COSTA)

—Sou muito ambicioso, disse ine.

—Oh! ambicioso! —fez ella, com um geitinho tão extravagante e fitando-me de tal modo que, si o meu dito não tivesse sido proposital, eu me arrepen-

deria de tal o pronunciado. Não gosto de gente ambiciosa: antipathico com esses homens gordos, que erguem um throno a ambição, mas uma ambição baixa, uma ambição estúpida, de dominio indigno, de riquezas inuteis. Para mim, todo o ambicioso deve ser gordo, bem gordo, vermelho: não comprehendo um ambicioso um pouco magro, moço, sympathico como o Sr.

—Ah! continuou, com a sua franqueza, ingenua, engraçada, tentadora, depois de reflectir um momento, eu tambem sou uma ambiciosa!

Mas, a minha ambição é mais elevada, digna: é a ambição que deve ter toda a donzella —formar uma familia feliz, achar um maridinho bom, que me ame e comprehendá, repartir o meu coração entre elle e os meus futuros filhinhos. E não creio que o Sr. possa ter uma ambição menos digna que esta.

—Sim! A ambição do moço é tudo isto: amar e ser amado, possuir um coração que o comprehendá e ame, uma alma de mulher que se identifique com a sua.

O meu coração, sobretudo, é sequioso: tem uma necessidade immensa de amar.

Si não existisse na terra esse aijo chamado—a virgem, a vida seria para mim um mar immenso, farruco, em que o coração vagasse, morto, dentro de um baúl sem norte.

Ei sou muito ambicioso: tenho uma ambição nervosa, extravagante, eminentemente egoista, de possuir, só para mim, um coraçãozinho quente, são, amante de mulher formosa.

Curitiba, 89.

SALDANHA SORRINHO.

Lagrima de sangue

Ha dentro de mim uma poesia que não escrevi ainda, que não escreverei jamais: a Lira.

Desde creança ella impressionou-me, atraindo-me o espirito e nelle tambem lançou me sombras.

Lembro-me das horas sem numero que a contemplei, nas horas que ainda hoje gasto em contempla-la.

E por isso que anno sempre em busca de uma mulher em cuja face haja um rai de luar.

Uma em mim. Eu uma douda, alegre como um festim nos campos; seo riso era como um chocallar de perolas, e ella ria-se deste mundo como eu me rio ás vezes.

E, riado e galhofando e sempre riado, a douda da phantastica morreu-me o coração. Meu pobre cora-

ção sangrenta e esse foi o primeiro, disse-me
esse tempo, pois que escreveu, ou
digo, ou pelo menos viu o fim de uma in-
gratidão de 8-10-11

PEREIRA DE MENEZES.

Garta ao publico

Alguns das pessoas que leram o
protesto publicado na «Gazeta Parana-
ense» de 19 de Janeiro, e firmado pela
maioria do Club Dr. Pedrosa, necessa-
riamente admittam-se de não terem de-
parado com a assignatura do presidente
do referido Club. Por isso, vou expli-
car porque não quiz acompanhar os
meus collegas nesse acto que lhes ga-
ranta o futuro...

Sendo solidario, como redactor desta
folha, com as acras censuras feitas em
razão da suppressão de 168 escolas pu-
blicas e em razão das trevas lançadas a
3,000 risosinhos futuros, achava-me in-
compatibilizado para assignar um pro-
testo, contra o ineditorial d'«Aulão»,
que dizia que a sociedade paranaense
não devia prestar homenagem a quem
manda fechar escolas, para, talvez, mais
tarde mandar abrir cadeas...

Si achava-me incompatibilizado como
redactor deste periodico, ainda mais me
achava como presidente do Club Dr.
Pedrosa, porque nessa qualidade devia
ser o primeiro a respeitar e fazer cum-
prir todas as resoluções tomadas pelo
Club, porquanto seus estatutos marcam
no art. 4.º cap. II, como fim «do Club»,
— «elevar o ensino da instrucção do
Paraná», e não applaudir, em manife-
stação, a extincção das escolas...

Si não podia assignar o referido pro-
testo por ser redactor d'«Aulão» e pre-
sidente do Club Dr. Pedrosa, ainda me-
nos o podia fazer por que os seus ter-
mos estavam em profunda divergencia
com o meu modo de pensar.

Amante entusiasta das causas de-
mocraticas que se assentam principal-
mente na instrucção dos povos, uni-me
desinteressadamente aos combatentes
pela santa causa da instrucção, tão avi-
tada na provincia em que residio ha tres
annos; e si não trephei na lucta é por-
que, não só vi a frente dos batalha-
dores pelas crianças e pela luz o meu anti-
go mestre, como tinha desejos de ver
n'um prospecto futuro, mais de 3,000
cerebros a pedirem luz, a pedirem li-
berdade, — não a liberdade de mais, po-
rém a liberdade bem entendida, não a
liberdade de mais que produz a anar-
chia, porém a liberdade que não pos-
sua direitos mas garante-os, e que
obra com justiça.

Entretanto, esta carta ao publico não
tem sido torçada, si a maioria que as-
signou o protesto não agradecesse ao
convite feito ao Club Dr. Pedrosa pela
commissão encarregada dos festejos da
manifestação

Ao receber o referido convite, resol-
vi não uzar de delicadeza responden-
do-lhe a elle, pelo facto de ter a com-
missão faltado a delicadeza de assignar-
o, não sabendo eu, portanto, de quem
elle partia. Entendi tambem que, in-
terpretando a meu modo os Estatutos
do Club, esta sociedade nada absoluta-
mente tinha, e o não tem, que mani-
festar publicamente, então o seu des-
agrado pelo decreto assassinator da in-
strucção.

Logo, a maioria do Club agradeceu-
do ao convite, agradecendo o talvez in-
conscientemente, tomou attribuições q' ^{que}
não lhe competia.

Esse agradecimento impoz-me n'uma
censura ao meu procedimento de não
ter agradecido ao convite, e como o pro-
testo achava-se firmado pela maioria do
Club, vi que esta sociedade estava em
discordancia commigo; e por isso, apres-
sei-me a devolver ao Club Dr. Pedrosa
o cargo de presidente, para o qual elle
me elegeu...

Terminando, declaro que o protesto
não é digno dos moços que o assignam,
e dos quaes era de se esperar toda a in-
dependencia, todo o civismo e dignida-
de.

GARROBERT COSTA,

Ex-presidente do Club Dr. Pedrosa.

Curitiba, 1 de Fevereiro de 1889.



Saudade

(A' ARAUCAS)

Oh! que saudade, morena,
Daquelle tardinha amena
Em que o futuro vi rir;
O teu amor de criança
Era a fonte d'esperança,
Que me apontava o porvir.

No teu olhar de candura
Brilhava tanta ventura,
Que parecias do céu;
Quando beijei tuas tranças,
Viinha a brisa pelas tranças
Perfumar o seio teu.

Passava as tardes contente
Ouvindo-te a voz ardente
A mitigar minha dor;

Esquecia meu passado;
Pois na vida já era amado,
E tinha no peito amor.

E quando estava dormindo,
Via-te em sonhos sorrindo
A me dar teu puro amor,
«E do delirio no pranto»
Ouvia teu doce canto
Sempre a falar-me de amor.

Mas tudo cedo acabou
O teu amor já findou-se;
Só resta, gemendo, o meu!
Pergunto ao prado e ás flores
A' quem tu das teus amores;
Respondem:—tudo morreu.

Não podem novos amores
Acabar com tantas dores,
E ao meu peito alentar.
Oh! tudo, tudo se cala!
Só a tristeza me fala,
E de ti vem-me lembrar.

Fui um louco! —amei-te tanto!
Acreditei no teu pranto,
Vertido em face dos céus!
Me prometteste a amizade;
Mas só me das a saudade,
Nem mais um riso dos teus!

PORTUOS.



O Castello

—Que queres tu, amada de minh'alma?
—Quero um castello de flores, á beira
de um mar d'esmeralda, illuminado por
um sol de ouro...

Lá toucarás meus cabellos com viole-
tas; offerecerei ás tuas delicias os meus
labios; entregarei-me hei nos teus amo-
res...serra tua...

O principe assim fez.

O castello ergueu as nuvens suas torres
de rosas; ostenta a transparencia e hel-
leza de seus muros de açucena; brilha
com suas anemomas, clematites e came-
lias.

As ondas verdes orladas de ouro que-
bram-se, espumando, sobes a rocha de
diamantes em que está elle assentado.

Um sol luminoso e transparente cõa
abre o seu pó de ouro.

E os dois amantes ali vivem, sorven-
do na taça do prazer o nectar deliciosis-
simoda volupta...

Com são felizes!

Seroulo Gonçalves.

Cartas da Paulicéia

1

O DR. ASSIS BRAZIL

Começamos a nossa correspondência, contando ao amigo leitor um facto interessante que deu-se em Paranaguá.

Viamos do sei no «Rio Paraná» di versos estudantes como em todos os por tos preparavam-se para qualquer pinhe ria, não quizeram deixar de honrar o nosso com uma delias, almas finissima

Desembarcaram e dirigiram-se ao Ho tel Campos, onde avisaram ao proprietário que o distinto chefe republicano, o Dr. Assis Brazil achava-se aborido e desejava comprimir os seus co-religionarios d'ali.

Como era natural, os distintos e hon rados republicanos do Paranaguá diri giram-se ao vapor, onde um cadete eleg antemente vestido os esperou dando vi vas ao partido republicano de Parana guá.

Depois de animada conversação, o ma ganção levantou vivas á Democracia, á Republica e ao Sr. Campos, com quem conversou, com um caradíssimo immen so.

O supposto Assis Brazil foi alumnio da Escola de tiro do Rio e já esteve em Car rityba no tempo da questão do commer cio. Tem um espirito finissimo e idéas assaz adiantadas.

S. Paulo, 7 de Janeiro de 1889.

FELIX.

Idyllio

Pensa, minha alma, pensa o mundo é vasto.
Breve o prazer, a dor é sempre immensa.
Tambem o coração fenecerá gasta,
Pensa, minha alma, pensa!

Sonha, minha alma, sonha! quem te dera
Viver sempre feliz, sempre risonha,
Da mocidade em plena primavera—
Sonha, minha alma, sonha!

Canta, minha alma, canta! a voz das aves
Innanda os bosques de harmonia saua!
Ouve-se em tudo unsilvamas tão suaves!
Canta, minha alma, canta!

Voa, minha alma, voa! a luz d'autora
Vão-se as rotas da mangueira da lagou.
Sacode as azas pelo azul affoe.
Voa, minha alma, voa!

ALEXANDRE FERNANDES

Chronica

Espírito!! Para derramar-se espirito, para fazer-se com que muitos laivos se entreabram u'ain jovial e prazenteiro sorriso, é necessaria verve, e verve é cousa que não anda por ali nos tranbaldões como as espontaneas manifestações do catapultadas: pigreza is, nestas explendi danteses laivos (fita tenaz do pinhão...

Verve é proprio de almas espirituosas, com reflexos de todas as cores do arco-iris, mas do arco-iris cujo encanudo é a mais formidavel gargalhada e o amarel lo amarelado e o b'm visível faceto de moço de bigodas retorquidos e barbas de bino, e o a do sympathico amante da nuancees...

Mas não das nuances do discurso do Dr. Gastão,—bom talento, de verbosidade facinora, linguagem correcta, feliz em e amparagense: que em brilhante con ferencia nos disse de que provincia era, que idade tinha, combatendo, ao mesmo tempo, o positivismo e dando a Gostão o titulo dos antigos mineros e panistas o titulo de—bandeirante, o que fez...

...com que alguns positivistas ficas sem incommodadas tão incommodados, que um delles osou dar apontes, mas tão tímidos, que mal se comprehendia.

Mas o que não se comprehende é a lu ta no proprio seio do partido ordena, e... a muita audacia, digo paciencia, de lei tor benavoli que acompanhava até ao fim estas lianas sem o reflexo do sol vivifi cante da inspiração, do bom gosto e da intelligencia: estas lianas sem verve, sem a sonoridade da boa gargalhada bom tri nada, sem harmonias, e sem o delgado espirito da satyra que machuca e alegra.

Isso é que é incomprehensivel!!

TRANSPARENTE

Noticiario

DESCULPAS
Por diversas causas, independentes da

nossa vontade, deixamos de dar o nosso periodico no dia 1º pelo que pedimos des culpas aos nossos benevolos assignantes leitores, que, entretanto, tambem ganha ram com isso, visto como assim podemos dar hoje um suppleamento.

A IDEIA

Resolvemos suspender a remessa deste jornal ás pessoas que ainda não pagaram o trimestre passado e que, assim nos agra decem a consideração que tivemos para com ellas, enviando-lhes «A Ideia» Essas pessoas não têm razão em commetterem o acto fidiulo de lór, durante um tri mestre, intento, um periodico que precisa do apoio publico e depois negarem-se, por diversos motivos, a pagar as assignaturas que tomaram, pois têm a faculdade de devolver o 1º numero de um trimestre, desde que não possam ou não quíram assignar.

Hoive um que, apesar de ter-nos dado o trabalho de procurar saber onde elle se achava, pois ora estava na capital, ora em Paranaguá no gozo de uma licença, nos mandou dizer, simplesmente, sem rodeios, que não pagava!

Ora, isto desgosta, e, ainda mais, indigna. Outros devolveram o penultimo e o ultimo n. do trimestre passado, sem nos darem ao menos uma satisfação!

Queríamos, para maior vergonha des ses sujeitos, publicar seus nomes, mas como não se deve mexer muito em podri dão, calamo-nos.

CARTA AO PUBLICO

Poder-nos vindo tarde e para não causar transtorno na paginação, não pu demos dar na 2ª pagina o anti go firmado pelo nosso collega E. Costa, pelo que es peramos que ella nos desculpará.

Inedictorial

DECLARAÇÃO

Nós que tambem assignamos o protes to publicado na «Gazeta Paranaense» de 19 do corrente, vimos declarar que fomos mudados em a nossa boa fé, porquanto o iniciador do tal protesto cortou, depois de apacchar as nossas assignaturas, al guns topicos que salvavam até certo ponto a dignidade dos signatarios do re ferido protesto; por isso, declaramos sem razão de ser as nossas assignaturas no artigo-protesto.

Curitiba, 27 de Janeiro de 1889.

Ambrás G. Carneiro.

Miguel Lino de Azevedo.

